

Edição v. 37
número 1 / 2018

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 37 (1)
abr/2018-jul/2018

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

Jornalismo, Memória e Testemunho: uma análise do tempo presente

Journalism, Memory and Testimony: An analysis of the present time

CRISTINE GERK

Doutoranda em Mídias e Mediações da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: crisgerk@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4948-6200.

MARIALVA BARBOSA

Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Pós-Doutora pelo Centre National des Recherches Scientifiques. Brasil. Email: marialva153@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8875-7128

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. Jornalismo, Memória e Testemunho: Uma análise do tempo presente. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018.

Enviado em 31 de agosto de 2017 / Aceito em 23 de abril de 2018

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v37i1.1076>

Resumo

O objetivo do artigo é relacionar jornalismo e memória, a partir do maior vínculo entre eles: o testemunho. A análise tem como apoio metodológico uma pesquisa realizada com 103 jornalistas do Rio de Janeiro no primeiro semestre de 2017 sobre os profissionais do jornalismo que eles citam como exemplos para a profissão. O resultado é interpretado com o respaldo teórico de pesquisadores da memória, como Barbie Zelizer, Andreas Huyssen, Maurice Halbwachs e Philippe Joutard. A questão do testemunho é estudada em duas dimensões: o testemunho como ferramenta histórica de produção do jornalismo e o testemunho do jornalismo sobre si mesmo, em um tempo acelerado, que privilegia o presente em detrimento do passado ou do futuro.

Palavras-chave

Jornalismo; Memória; Testemunho.

Abstract

The purpose of the article is to relate journalism and memory, focused on the biggest bond between them: testimony. The analysis is helped, methodologically, by a survey with 103 journalists from Rio de Janeiro, conducted during the first semester of 2017, about their profession's icons. The result is interpreted with the theoretical support of memory researches, such as Barbie Zelizer, Andreas Huyssen, Maurice Halbwachs and Philippe Joutard. The testimony issue is studied in two dimensions: testimony as a historical production tool in journalism and the journalists' testimony about themselves, in an accelerated time, that privileges present over past or future.

Keywords

Journalism; Memory; Testimony.

Introdução

O jornalismo hoje se liga intensamente à dinâmica temporal da internet, ambiente onde há maior fluxo de informações. Nesta lógica da duração acelerada, efêmera, descartável, há pouco espaço e investimento na longa duração, na interpretação sobre os fenômenos e grupos ao longo do tempo. Inclusive na interpretação do jornalista sobre ele mesmo. O resgate desta memória comum é dificultada pelo fato de vivermos hoje a dissolução do presente real no tempo real, como apontou Candau (1998).

A sociedade escamoteia o tempo nas suas características próprias (duração, fluxo e passagem), reduzindo tudo ao instantâneo. Segundo Candau, o presente real é complexo, temporal, com densidade, cíclico, contínuo, feito de heranças e projetos, ou seja, localizado entre um passado e um futuro, na duração. Já o tempo real é caracterizado pela simplicidade, pela temporalidade. Não tem densidade, é acrônico, ou seja, não se inscreve em uma ordem cronológica, com antes e depois. É um presente que é para si mesmo seu próprio horizonte, se esgota na sucessão de instantes. É caracterizado pelo tempo interrompido do *ao vivo*, do instantâneo e do efêmero descartável.

O tempo real foca no instante em si mesmo, como se tivesse nele toda a importância esgotada, sem antes ou depois. São instantes estanques, que interrompem a temporalidade. A memória é moldada para consumo, em produtos de fácil absorção e também descartáveis, como séries, filmes, objetos retrô.

A dissolução do presente real no tempo real traduz a passagem de uma experiência concreta e íntima do tempo a uma categoria temporal abstrata, anônima e desencarnada (CANDAU, 1998, p. 94)

A cada novo suporte comunicacional, a reação que segue é acreditar na superação imediata da linguagem e do suporte anteriores. A duração parece sediar-se no potencial de replicação, que também é transitório. O jornalismo sofre com esta efemeridade no seu modo de produção. Insere-se cada vez mais no tempo real, tanto nas suas coberturas quanto no pensar sobre si mesmo, que está em um tempo real, mas fora de um presente real, inserido em uma duração. Nas coberturas imediatistas e simplistas, o jornalista parece atuar, acima de tudo, como uma espécie de controlador de testemunhos alheios, sem assumir integralmente ele mesmo o papel de testemunha da História (embora evidentemente ele ainda procure se autoconstituir como tal). Até quando se demanda que o jornalista pense em si mesmo, no seu próprio passado e futuro, é difícil para ele se deslocar do presente e narrar a história do seu grupo.

Tomando como centro analítico essas questões e procurando aplicá-las a uma pesquisa empírica (ainda em fase inicial), cujo foco é perceber se os jornalistas possuem referências duradouras na sua memória enquanto grupo, apresentamos alguns resultados baseados, sobretudo, na relação teórica da memória e do testemunho com aquilo que estamos denominando testemunhos do jornalismo sobre si mesmo.

Assim, dividimos esse texto em três partes: na primeira, apresentamos brevemente os resultados da pesquisa; na sequência discorreremos teoricamente sobre questões que consideramos fundamentais para pensar a relação entre jornalismo e memória; para, finalmente, estabelecer vínculos e relações entre uma memória duradoura dos jornalistas a partir da escolha de personagens emblemas da própria profissão, procurando perceber o significado dessas escolhas.

Falando sobre si mesmo

Entre março e abril de 2017, 103 jornalistas cariocas foram convidados a responder um questionário¹. As perguntas foram enviadas por e-mail e incluíam questões para mapear o perfil dos entrevistados, como nome, idade, ano de formatura, universidade onde se formou, empresa onde trabalha atualmente (se trabalha) e se já trabalhou em algum veículo jornalístico (qual e por quanto tempo). Depois, foi pedido para que o participante indicasse qual jornalista considera uma espécie de ícone na profissão e por quê². A única pré-condição para responder o questionário era ser formado em jornalismo.

Dentre os entrevistados, 49,5% eram mulheres e 50,5% eram homens. A maioria tem entre 30 e 40 anos (52,4%). Os demais têm entre 40 e 50 anos (22,3%), de 20 a 30 (11,7%) ou mais de 60 (2,9%). No grupo, 3,9% não identificaram a idade. A maioria dos entrevistados se formou há menos de dez anos (39%) ou de dez a 20 anos (39,6%). As repostas sobre o tempo de formatura condizem com a pergunta anterior, sobre a idade dos profissionais atualmente no mercado, massivamente dominado por jovens adultos.

Dentre os participantes, 86,4% estão empregados atualmente, descontando 10,9% que estão desempregados ou se classificam como freelancers e 2,9% que não responderam. Praticamente todos (99%) já trabalharam em empresa jornalística, a maioria por menos de cinco anos (35%). Os demais trabalharam em empresa jornalística de 10 a 20 anos (28,2%), entre cinco e dez anos (13,6%),

¹ A pesquisa é parte do projeto de doutorado da autora Cristine Gerk. O próximo passo será entrevistar os jornalistas citados como espécies de emblemas da profissão, para entender suas opiniões sobre valores profissionais que mudam e permanecem.

² Ainda não foram analisadas as repostas referentes ao motivo da escolha, que passarão por quadros de interpretação qualitativa.

entre 20 e 30 anos (9,7%) e mais de 30 anos (1%). Há 12,6% que não identificaram o período. Entre os que disseram que estão trabalhando, 48% estão empregados em veículos jornalísticos atualmente (sites, jornais impressos, revistas, canais de TV) e 35% em assessorias de imprensa ou na área de comunicação institucional, o que demonstra que a amostragem reflete a opinião de profissionais em atuação na área.

Quando a pergunta foi sobre quem poderia ser considerado por ele uma espécie de ícone na profissão, 77 profissionais foram mencionados, vivos e mortos. A maioria dos entrevistados (8,7%) respondeu que não tem ícone algum. Entre os mais citados, os campeões são Caco Barcellos (7,7%), Ricardo Boechat, Elio Gaspari e Eliane Brum (com 4,8% cada) e Gloria Maria e Leslie Leitão (com 3,8% cada). Todos os profissionais mais referenciados estão em atuação no momento, em veículos da grande mídia. Barcellos é atualmente responsável pelo programa *Profissão Repórter*, veiculado na TV Globo; Boechat é âncora de telejornais e programas de rádio da Rede Bandeirantes; Gaspari é colunista de jornais como *Folha de São Paulo* e *O Globo*; Brum escreve artigos para os jornais *El País* e *The Guardian*; Gloria Maria apresenta programas na TV Globo, onde também trabalha Leitão, como produtor.

A busca pela referência daqueles que no questionário denominamos ícones da profissão, mas que poderíamos chamar de *personagens-emblemas memoráveis* dos jornalistas contemporâneos, objetivava perceber até que ponto poderiam emergir símbolos e simbolizações para o profissional, que se materializariam numa síntese personalista em torno do que é ser jornalista. Dessa forma, esse jornalista poderia significar alguém próximo ou distante no tempo e na vida da profissão. Poderia ser um *personagem-memória* presente ou ausente do cotidiano dos profissionais que responderam ao questionário.

Se entre 103 profissionais, há 77 nomes citados como ícones, nota-se, em primeiro lugar, que não há, no momento desta pesquisa, *personagens-emblemas memoráveis* que gerem consenso entre o grupo. Esta interpretação é respaldada pelo fato de quase 10% dos entrevistados terem respondido que não têm modelo ou exemplo na profissão. Em segundo lugar, o fato de os jornalistas mais citados serem profissionais em evidência na época da coleta dos dados, do presente, em veículos de grande mídia, é um indício de que o grupo não se relaciona com o passado, a tradição histórica da profissão. Isto é especialmente importante se analisarmos que se trata de uma fase, de um momento da História, em que há uma dificuldade de se projetar o futuro. Logo, não é difícil imaginar que seja difícil se relacionar com o passado. É a ele que recorreremos quando fazemos planos e

análises sobre acertos e erros, para traçar rotas. Sem passado, é difícil ter futuro. E vice-versa.

Memória coletiva

Para entender estes dados, e o que significam, é importante recorrer às fundamentais contribuições de um dos principais teóricos da memória, Maurice Halbwachs (1990), que inaugurou o conceito de memória coletiva e a sociologia da memória, compreendida sempre como compartilhada (nem que seja meramente pelo uso da linguagem). Graças a Halbwachs, foi disseminada a compreensão de que os indivíduos só são capazes de lembrar porque se conectam a grupos. Quanto mais afetado pelo outro, maior a capacidade de se lembrar. Muitas vezes, o que aciona a memória é justamente uma interpelação do outro, no presente. Para responder a uma pergunta feita ou imaginada, nos colocamos ou reposicionamos no ponto de vista do outro, do grupo. Ou seja, a memória tende a se esvaír quando nos afastamos do grupo ao qual ela estava ligada.

Quanto mais os jornalistas se sentem isolados entre si, não engajados em uma classe ou um grupo, mais enfraquecidos e dispersos ficam a construção e o compartilhamento de uma memória coletiva. A própria noção identitária de grupo se abala se não é tão clara uma noção de grupo profissional, quando se dissemina uma ideia de que qualquer um com uma câmera não ou um meio de divulgação na internet pode ser chamado jornalista. Também a partir de uma queda dos postos de trabalho formais, fica reduzida a parcela da população que tem esta atividade como meio de vida. Diminuem, também, os pontos de encontro, as reuniões dos profissionais, as oportunidades de troca de lembranças e projetos. Assim, se não há presente duradouro, parece que também o passado comum do grupo se esvai numa ausência de personagens que sintetizem os valores históricos da própria profissão.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 1990, p. 39)

Segundo o autor, como reconstrução, a memória não se fixa em uma conservação da experiência, mas em novas construções a partir de um material de referência. Estes conjuntos de referências de uma dada memória coletiva que o sujeito mobiliza para se lembrar foram chamados por Halbwachs de quadros sociais da memória, que se apoiam na língua, no tempo e no espaço. A memória individual

se particulariza pelo seu ponto de vista sobre a memória coletiva. Diferentes grupos vivenciam o tempo de forma diferente, com durações diversas.

A memória profissional pode ser entendida como uma memória coletiva que também incorpora vivências e experiências de grupos já mortos. Muito do que poderia ser visto como passado é presente hoje em hábitos e rotinas, em processo de revisão. Daí também a importância de uma visão mais holística. Não há grupo *puro*: as memórias coletivas de diferentes grupos se entrecruzam. A memória é sempre um lugar de disputa e está mais ligada ao presente do que ao passado, ou seja, às formas como hoje se olha para trás, em múltiplas temporalidades.

A memória é sempre viva, dinâmica, diferente a cada lembrança. Para que seja acionada, muitas vezes é preciso estar ativada em grupos que tenham "vontade de memória", como definiu Nemer (1987). Um exemplo de grupo que costuma ter esta intencionalidade é a família, com a valorização de histórias, fotografias, objetos. A escolha de ícones do presente pelos jornalistas nos aponta para um desinteresse no mergulho das memórias da classe, a partir de práticas que estimulem o resgate de um vínculo com um passado em comum, ou a reinterpretção deste passado. A memória é o que constitui alguém como sujeito, e é sempre narrativa. O silêncio interfere nesta constituição.

Testemunho

Para estudar a memória do jornalismo e como ele se configura e reconfigura hoje, é fundamental uma análise que envolva a dimensão do testemunho³. Muito se tenta prever sobre o futuro dessa profissão desde o advento das redes sociais e da internet móvel. Mas é difícil fazer qualquer previsão sem entender o valor que o passado de um grupo identitário tem hoje, no calor destas transformações, e sem estudar o testemunho daqueles que acompanham as mudanças da História em suas práticas. A questão do testemunho precisa ser estudada em duas dimensões: o testemunho como ferramenta histórica de produção do jornalismo e o testemunho do jornalismo sobre si mesmo.

Entretanto, o campo do testemunho ou das narrativas tem sido negligenciado nas pesquisas sobre jornalismo, como salientou Resende (2006). O autor alertou para a importância de os estudos no campo se debruçarem sobre as formas de narrar o mundo, já que este é um elemento que cria e recria sociabilidades além de ser uma forma de representação coletiva. Resende ressaltou ainda que o jornalismo, principalmente quando se restringe à função básica de

³ Sobre testemunho, cf. VAZ, P; SANTOS, A. & ANDRADE. P. H. Testemunho e Subjetividade Contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. Juiz de Fora: Lumina (online), 2014, v. 8, p. 1-33.

informar, pouco contribui para a construção de narrativas, no sentido amplo do termo. Ao contrário, produz relatos atrofiados, vira um escravo da objetividade, sem a presença marcante de um narrador que imprime sua marca e sua interpretação sobre os acontecimentos. Para avançar na compreensão sobre este fenômeno, é preciso colocar a narrativa como um problema.

Manifestando preocupação similar, os próprios jornalistas⁴ têm alertado para o perigo da prática, cada vez mais frequente, de produzir matérias apenas a partir de um relato enviado por leitor em redes sociais, como WhatsApp. Há mais chances de virarem matérias as mensagens acompanhadas de fotos ou vídeos, sobretudo de pessoas que denunciam abusos do poder público ou violências no lugar de vítimas. Muitos artigos se resumem à reprodução da mensagem do leitor, com a resposta da autoridade competente, sem polifonia ou análise sobre passado e futuro da situação. A verdade da experiência de cada um, transmutada sob a forma de imagens vistas, capturadas e partilhadas, produz um discurso desassociado de qualquer referencial, tendo nele mesmo o sentido exacerbado do verdadeiro.

Através de vídeos e imagens enviados por leitores e veiculados nas páginas jornalísticas, nota-se um reforço deste denominado *efeito-testemunha*. Ele abarca a percepção do próprio público como um provável informante, já que está em presença do que é relatado. Identifica o poder de capturar a imagem e transmiti-la como informação fidedigna. É importante entender esta produção de testemunhos revestidos de uma ideia de verdade, já que são envelopados de provas sob a forma de imagem. Os vídeos e fotos são considerados provas indiscutíveis, mas são produções subjetivas: há ângulos e pontos de vista.

Reduz-se a distância entre experiência e representação para se criar certa ilusão de tempo compartilhado. Trata-se de um tempo comunicacional que explora sobretudo o estando agora, mas numa superfície que vai do nascimento à morte (presente estendido). Neste agora compartilhado, cria-se, via aparatos comunicacionais, a ideia de que eu e o outro compartilhamos o mesmo tempo, e, portanto, vivemos a mesma vida. O tempo ultrapresente da comunicação cria a ilusão do tempo compartilhado.

A compulsão pela fala desassociada de sentido profundo, estanque em um tempo do aqui e agora, esvazia a capacidade de categorizar, de evoluir criativamente. Dificilmente há tempo e investimento na produção de conteúdos que marquem quando o trabalho se resume à administração de relatos. O testemunho só tem sentido mais amplo se entendido em relação a um grupo do

⁴ Na dissertação intitulada "Jornalismo e público: reconfigurações no contexto digital. WhatsApp do Extra como ferramenta histórico-tecnológica" (GERK, 2016), dez jornalistas do jornal Extra relataram ser comum a prática de produzir matérias a partir de uma única mensagem enviada por uma vítima pela rede social.

qual faz parte, pressupondo um evento que foi vivido coletivamente, logo dependente do contexto do indivíduo em questão e do grupo do qual ele faz parte. A lembrança não está encerrada em si mesma. Como definiu Halbwachs (1990, p. 23), "ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade". Cada memória individual é um ponto de vista sobre uma memória coletiva e este ponto de vista muda de acordo com o lugar que ocupo.

O modo de produção, de certa forma superficial, também se relaciona com os regimes de tempo da atualidade, adaptados ao cotidiano profissional do jornalista. A alta competição no ambiente digital, repleto de fontes de informação, demanda uma participação ativa no mundo virtual, sobretudo pela necessidade de receber e processar ininterruptamente uma imensa e crescente quantidade de dados. Isso provoca no jornalista um estresse de atenção contínuo. As leituras são, em geral, um *scanning* intuitivo, sem tempo maior para grande esforço de concentração ou interpretação de texto. No novo formato, uma matéria já não é uma unidade, mas sim um fluxo de atividades. Os prazos e formatos podem mudar de acordo com o feedback. O próprio deadline, como uma referência para o horário de fechamento de uma matéria, se reconfigura porque o repórter está sempre online. Como explica Sodré (2002), a presença permanente na rede gera uma condensação da temporalidade no presente e uma indistinção entre o tempo do trabalho, do lazer e da formação.

Um outro aspecto é que o testemunho veiculado na mídia atribui responsabilidade a quem vê, de lembrar e prevenir, transmite uma obrigação moral, apela para um senso de comunidade. Alguns exemplos práticos desta cultura de testemunhos são as postagens (publicações) de artistas que superaram traumas e as conhecidas *histórias de superação*, que rapidamente ganham destaque midiático. Em novembro de 2016, por exemplo, a filha africana dos atores Bruno Gagliasso e Giovana Ewbank foi alvo de comentários racistas na internet. Muitas matérias de veículos reconhecidos publicaram matérias apenas reproduzindo relatos dos atores, orais e escritos, em redes sociais ou programas de TV⁵. No máximo, também reproduziam o texto agressivo publicado inicialmente. Mais tarde, foi descoberto que a autora das mensagens racistas era uma menina negra, de 14 anos. O tema tinha potencial para ser explorado de forma mais ampla e analítica, mas ficou restrito à reprodução dos relatos nas redes sociais. Outro movimento atual é o de divulgação de testemunhos relativos a experiências vividas pelos próprios jornalistas. Brêtas (2016) observou a profusão dessas formas de relato na

⁵ Exemplo: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/11/bruno-gagliasso-sobre-queixa-crime-por-racismo-policia-vai-cuidar-disso.html>

imprensa brasileira entre 2013 e 2015 e seu aparecimento em veículos de grande circulação no Brasil.

Em um cenário pós-moderno⁶, em que o futuro é o lugar do risco evitável, e não do progresso ou da cura, como foi na modernidade, a proliferação de relatos se torna operacional. A partir de uma coleção de possibilidades arriscadas e o medo do *contágio*, o operador, antes sujeito, pode elaborar a estratégia mais segura e estável para evitar perigos que já vitimaram outros. Neste novo contexto, o passado serve como modelo de alerta a partir de experiências de sofrimento que fundam as identidades individual e coletiva. Ao ouvir o relato alheio, inclusive se redefine o próprio passado, a partir de novos enquadramentos disponíveis no presente.

O jornalismo é cada vez mais impregnado destes discursos de vítimas, que surgem muitas vezes a partir das redes sociais e são reproduzidos nos veículos midiáticos sem aprofundamento. A vítima que vem a público poderia ser cada um de nós. Nossa veneração das vítimas pode se relacionar ao fato de nós reconhecermos nelas nossa própria passividade diante de um presente que tentamos controlar e enquadrar o tempo todo, via aparatos comunicacionais, mas parece nos guiar para um abismo sem futuro.

A relação com o tempo

Depois do Iluminismo, quando o tempo linear apontava para o progresso e o domínio sobre a natureza e o futuro, assistimos no século XX a uma falência do projeto de futuro, à crise das utopias e das metanarrativas a caminho da pós-modernidade. Mas, segundo Huyssen (2000), é necessário que a História olhe para as ruínas e as transforme em terreno para construção. Olhar para o passado pode ser transformador do presente, mesmo que o futuro seja desanimador. A relação com o passado é fundamental, ainda que para romper com ele.

O mundo contemporâneo não cessa de registrar o testemunho das existências mais comuns e de acontecimentos banais. A memória, no sentido de mecanismos coletivos de preservação de documentos e informações relevantes, deve ser preservada tanto em um ambiente com informações superabundantes quanto no qual elas faltam. Como já dito, as narrativas são necessárias para configurar as memórias, que são, elas mesmas, construção narrativa. Hoje há um excesso de informação, mas feita para ser consumida, sem ligação, esvaziada da possibilidade de entendimento profundo. Há uma sensação de que o presente está acabando agora, escorrendo. Tudo é da ordem do absolutamente efêmero, uma

⁶ Sobre pós-modernidade, c.f., por exemplo, D'AMARAL (2010)

percepção estimulada por um capitalismo acelerado que torna obsoletos produtos quase instantaneamente. E por isso também a compulsão pelo registro. Muitos recorrem à mídia na esperança de alcançar maior longevidade em um presente furtivo e acelerado.

As informações não ajudam o espectador a criar elos, lembrar. Não têm duração. A superabundância também pode virar esquecimento, porque muito se perde no ambiente virtual. Apesar disso, não se pode ignorar que a mídia hegemônica ou a publicidade ainda são encarregadas de selecionar o que reter e o que simplesmente esquecer ou não perceber, em um jogo que mantém o poder, e a decisão, ainda nas mãos do jornalista, em última instância.

É profundamente desconcertante quando se ouve chamar de memória a capacidade que os computadores têm para conservar a informação: a esta última operação lhes falta um aspecto constitutivo da memória, que é a seleção (TODOROV, 1995, p. 16)

Como apontou Joutard (2015), o testemunho é sempre um problema, e a naturalização de qualquer testemunho é a sua morte. Para tratá-lo com ética e responsabilidade, é preciso considerá-lo um problema. Não há compreensão sem crítica. Essa explosão de memórias se ancora no testemunho, em dar automaticamente legitimidade a discursos, sobretudo de vítimas. Entretanto nada muda mais que o passado, quando repensado a partir do presente. Não se buscam uma verdade e os fundamentos, apenas versões satisfazem. Não há um debate buscando um consenso, e sim duelo de forças. O jornalista sempre tem uma posição, mas é um perigo cair em um relativismo absoluto, porque ele ainda busca ter um lugar de legitimidade da ordem do saber, e não só do *ponto de vista*.

Koselleck (1979) explica que a experiência é o passado atual, quando se fundem a elaboração racional e as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, necessariamente, no conhecimento. Também está sempre contida na experiência a experiência alheia. Da mesma forma, a expectativa é individual e interpessoal. As expectativas podem ser revistas; enquanto das experiências se espera que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro, incluindo, na elaboração de acontecimentos passados, suas possibilidades e falhas. O futuro nunca é resultado simples de um passado histórico. As experiências se superpõem, se impregnam umas das outras. Para Koselleck, é a tensão entre experiência e expectativa que suscita novas soluções.

Entretanto, vivemos em um período da História em que há uma crise tanto no espaço das experiências quanto no horizonte de expectativas, intimamente ligados. Esta constatação está no centro da interpretação sobre a falta de apelo da memória para os jornalistas entrevistados: como é difícil prever o futuro, que

parece um lugar de perigo, o passado também assume posição distante. Da mesma forma, na sua prática profissional diária, os relatos das fontes para a produção dos textos são administrados sem passado ou futuro, sem coesão com grupos.

Historicamente, entende-se que o historiador era aquele que interpretava o passado e o jornalista, o presente⁷. Em um contexto de crise de legitimidade, recorrer ao passado parece um caminho. Em seu livro *Jornal Nacional - Modo de Fazer*, William Bonner, âncora e editor-chefe do jornal de maior audiência da TV Globo, diz que entre os critérios de noticiabilidade para definir os temas dignos de cobertura está escolher o que daqui a 50 anos o historiador vai buscar no arquivo do *Jornal Nacional*, antecipando a lógica do historiador do futuro para definir o que importa do passado. Neste sentido, percebe-se um argumento de que o jornalismo registra a História, não pelo instantâneo apenas, mas pelo que vai ser importante no futuro⁸. O jornalista ainda assume um lugar memorialista, semelhante ao do historiador mas focado em um presente que rapidamente vira História, em uma disputa de saber entre jornalista e historiador. Ou seja, o jornalismo, como campo, se legitima neste lugar de peso histórico, inclusive quando vê seu valor e papel questionados na pós-modernidade, mas o jornalista, como sujeito inserido em um grupo profissional, não se sente muito ligado ao seu próprio passado e legado, como sinaliza a pesquisa referida anteriormente.

Na dissertação de mestrado citada anteriormente, jornalistas do “Extra” afirmam que o uso de ferramentas como o WhatsApp tem o poder de, mais uma vez, legitimar o profissional como mediador entre poder público e audiência. Nota-se que o jornalista, quando se posiciona diante do público, ainda apela para valores identitários históricos para afirmar seu valor, como também a capacidade de definir o que é verdade ou boato em uma rede de informações digital. Mas enquanto adota este discurso, na prática o grupo não se reconhece coletivamente, tem dificuldade de eleger um personagem que sintetize o que é ser jornalista e administra testemunhos de forma superficial como caminho para construir a maioria de suas narrativas. Ou seja, o jornalista não se reconcilia ou se alinha na prática, no presente, com as respostas do passado que defende como bandeiras para legitimar sua atividade. Até mesmo seu lugar de mediador, tão supostamente valorizado, fica enfraquecido quando se desloca para a testemunha o lugar social de maior peso, já que o mesmo arquivo ou fala podem ser interpretados de maneiras diferentes. O

⁷ Sobre jornalismo e história, cf. LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jaques (Orgs.). A nova história. Coimbra: Almedina. 1978.

⁸ Sobre o tema, cf. BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história. *Contracampo*, v. 35, n.1, 2016; e RIBEIRO, Ana Paula G. “Mídia e lugar da história”, in: HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs.). *Mídia, Memória & Celebidades*. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2003.

relato muda, a pessoa e o contexto, também. É preciso refinamento para entender esta multiplicidade através do tempo.

O que significa ser (ou não ser) lembrado?

A construção identitária se abala quando não é tão clara a noção de grupo profissional e quando se dissemina a ideia de que qualquer um com uma câmera não ou um meio de divulgação na internet pode ser chamado jornalista. Também a partir de uma queda dos postos de trabalho formais, fica reduzida a parcela da população que tem esta atividade como meio de vida. Diminuem, também, os pontos de encontro, as reuniões dos profissionais, as oportunidades de troca de lembranças e projetos.

Perdem-se elos importantes que significam não apenas a partilha da vida em comum, como também traços de uma memória duradoura atualizada pelo grupo como memória comum. Se não há mais tempo presente compartilhado por esses profissionais, com a redução da distância entre experiência e representação, também se perde a dimensão testemunhal comum.

Talvez seja por isso, que ao se lembrar daqueles que sintetizariam na memória partilhada o que é o ser jornalista, do ponto de vista ideal, não haja uma memória comum e os lembrados pelo grupo sejam exatamente os que possuem maior visibilidade na cena pública atual do próprio jornalismo.

Ao eleger nomes que são mais visíveis sobretudo por suas ações presentes, em vez da referência a personagens de um passado mais longínquo e que foram importantes na construção da própria história do jornalismo, observa-se a emergência de um tempo no qual o aqui e agora torna-se ele mesmo emblema da própria memória do jornalista, ao referenciar aqueles que se destacariam na profissão. O testemunho do grupo se esfacela em vozes individuais, nas quais eventos não são vividos coletivamente, dilacerando-se também o sentido de partilha de uma memória coletiva. As memórias individuais proliferam na relembração de um passado no qual não emergem sentidos comuns produzidos a partir de testemunhos.

Portanto, a significância da proliferação de nomes-sínteses de uma profissão pode indicar que os contágios de um tempo presente que produz transformações exponenciais nas práticas da profissão se refletem também na construção de um passado comum, que afinal aparece esgarçado nele mesmo.

Existe um meio de distinguir bons e maus usos do passado? Para Todorov (1995) existe. O primeiro passo é nos interrogar sobre os resultados de tal memória a julgar por critérios humanistas, de valores universais, como por

exemplo a paz em detrimento da guerra. Neste caminho de reflexão, a memória deve ser estudada pelas suas formas de reminiscência. Todorov criou o conceito de memória exemplar para defender um uso da memória como modelo para compreender situações novas, sem negar a singularidade dos acontecimentos. A partir da memória exemplar, é possível domesticar a memória, estabelecer comparações que permitem ver semelhanças e diferenças. A mera nostalgia⁹ é um sintoma de uma crise de projeção do futuro, o passado é visto apenas como entretenimento e não como alvo de uma análise crítica. Sente-se nostalgia de uma época em que era possível imaginar um futuro, mas sem mergulhar em uma análise dela. A ideia é encarar situações novas, mas percebendo-as como análogas a outras do passado, para elaborar projetos de futuro.

Tendo esta reflexão como norte, poderíamos pensar nos impactos do abandono de um uso da memória exemplar no jornalismo, inclusive do ponto de vista dos que — através da relembração produzida pelos próprios jornalistas — se constituem em sínteses das expectativas dos profissionais. Estudar o que deu certo e errado no passado é um dos caminhos para entender e criar novos rumos. Valores históricos do jornalista, como o de mediação, o de *cão de guarda* da sociedade, aquele que detém a credibilidade para disseminar conteúdos verdadeiros, poderiam ser resgatados com novos formatos ou serem questionados para a criação de novos caminhos, mas não se pode ignorar um entendimento sobre o que vale ou não a pena manter ou descartar, que poderia estar presente na emergência de novas sínteses que personificariam a profissão. Ao estabelecer uma multiplicidade de personagens, todos eles inseridos nos jogos de lembrança da cena contemporânea da profissão, como já mencionamos antes, observa-se que o testemunho do grupo sobre o próprio grupo se torna muito mais uma narrativa do si mesmo envolvido num tempo que não admite pausa nem reflexão.

O discurso nostálgico sobre o jornalismo é recorrente, sobretudo entre os próprios jornalistas, apocalípticos com premissas como *os bons tempos* ou *o jornalismo acabou*. Há uma crise da ideia de produção do novo, por isso muitas vezes as premissas são simplesmente recicladas sem reflexão. Mas o mero saudosismo não leva a conexões reais com o passado, o presente e o futuro, como apontam as respostas do questionário. Pode até haver um discurso nostálgico, sobre uma época de maior valorização da profissão, mas é preciso uma análise mais alongada sobre o que pode ser aproveitado e descartado das heranças que permanecem.

⁹ Sobre nostalgia, cf. JAMESON, Fredric. "Nostalgia for the present". In. *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*. Duke University Press, Durham, 1991.

Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014) argumentam que o jornalismo também está negligenciado nos estudos de memória, embora os dois sejam amplamente relacionados. Zelizer parte da premissa de que enquanto o jornalismo continua a funcionar como uma das principais instituições da sociedade contemporânea para gravar e recordar, nós precisamos investir mais em entender como ele se lembra e por quê. Partilhando desta visão, acreditamos ser importante ainda entender como os jornalistas acessam a memória como um grupo, lembrando-se do passado de seu grupo e de personagens que poderiam representar uma maior coesão.

Os jornalistas são interessados na memória de várias formas, por exemplo cobrindo comemorações, marcos, com edições especiais, e com suas próprias comemorações, como aniversários jornalísticos. Além disso, a memória coletiva não é só influenciada pelo jornalismo, mas, como sociedade, nós nos lembramos de coberturas importantes, de jornalistas e até da mídia em si (aparência de jornais etc): ou seja, a memória coletiva inclui o jornalismo e eventos jornalísticos. Os dois campos estão intimamente relacionados. Embora não se interesse muito mais pela sua própria memória do grupo, é impossível para o jornalista imaginar sua função e o futuro dela sem a memória.

Como ressaltou Zelizer (2014), poucos teóricos do campo da memória coletiva incluíram o jornalismo como um componente importante do seu trabalho. É hora de o quadro mudar se quisermos entender os caminhos da memória coletiva no século XXI. O que afeta o campo do jornalismo, por exemplo as redes sociais, afeta também o da memória, e vice-versa. Na relação com as novas mídias, a memória é fluida, híbrida e transfronteiriça, assim como o jornalismo. É preciso analisar, na contemporaneidade, como a memória transcende os limites do nacional. E estudar este fenômeno é também mostrar a importância de o jornalismo se assumir mais como global. O jornalismo consumido em nichos, graças às redes sociais, à internet e aos programas *on demand*, também cria memórias em nichos em comunidades de interesses com cada vez maior poder de escolher o que consomem e do que se lembram.

De acordo com Olick (2015), o jornalismo e a memória têm qualidades suspeitas semelhantes: são passíveis de erros, falíveis, efêmeros. Ao mesmo tempo, da perspectiva dos estudos de memória, o jornalismo também se parece muito com a História: é um empreendimento público, valoriza fontes e regras de confirmação, e seus resíduos são relativamente permanentes. Os arquivos dos jornalistas também são usados como fontes históricas, inclusive os testemunhos de que tratamos neste estudo, usados sem contextualização e aprofundamento. Em contraste, muitos dos estudos de memória se interessam na validação ou

autenticidade da experiência em vez da produção profissional, e na recepção mais do que na produção. É preciso estudar os jornalistas e seu fazer profissional para entender a memória do grupo.

Jornalistas dependem de memória no seu trabalho. Lembram-se de eventos e momentos passados em suas carreiras. Parte de seu conhecimento profissional é saber — ou seja lembrar — para quem ligar e para onde ir. Hábitos, rotinas são formas de memória. O que é noticiável? A resposta é baseada no que era noticiável no passado e norteia as rotinas de jornalistas e de organizações. Eventos previsíveis são mais fáceis de se preparar e cobrir. Saber isso importa na hora de entender o que será recebido como relevante pela audiência.

O jornalista também depende da memória de suas fontes, das testemunhas. Assim como a memória do jornalista é falha, a da fonte também é. Entender como a memória funciona é essencial para a prática profissional. É também essencial para quem estuda este campo de trabalho: entender como as versões institucionalizadas da História se formam. As memórias autobiográficas e históricas de um indivíduo são influenciadas profundamente pelo jornalismo, e também influenciam na forma como vivemos nossos dias, semanas, anos. Além disso, o jornalismo é um fator constitutivo dos eventos em si e os molda de forma ativa e passiva.

A História do jornalismo é uma importante e interessante parte da memória pública. Ao olhar arquivos, podemos não só entender sobre eventos passados, mas sobre como esses eventos eram discutidos. E comparar as diferentes formas com as quais os jornais apresentam a abordagem sobre temas e como preocupações e métodos jornalísticos mudam com o tempo. O jornalismo é uma parte central da memória coletiva. Até uma notícia falsa, ainda considerada notícia, funda a memória cotidiana. Não há no período moderno, memória coletiva ou cultura que não seja em parte, pelo menos, jornalística. Estudar a memória do jornalismo é fundamental para entender a memória coletiva em formação hoje e como muda com as mudanças no próprio jornalismo. Embora haja muitas informações e *memórias* circulando no ambiente virtual, é provavelmente a memória armazenada pelos meios de comunicação dominantes que vai servir de arquivo no futuro. Estudar a memória no jornalismo é um projeto de futuro.

Como sinaliza Zelizer (2014), o jornalismo constitui uma das poucas instituições que encapsulam o espalhamento da memória contemporânea. Os processos e conteúdos mais relevantes para a memória hoje estão no jornalismo: testemunho, trauma, discurso terapêutico, guerra. Mesmo assim, com todas as evidências, o jornalismo é deixado de lado como agente de memória, inclusive para os próprios jornalistas. Como analisar um fenômeno sem compará-lo a outros

relacionados? Não é fazer desaparecer as características próprias de cada fase, mas fazer comparações que possam destacar semelhanças e diferenças. A representação do passado não é só constitutiva da identidade individual, mas da identidade coletiva. Os personagens emblemas memoráveis de uma profissão são representantes do passado, do presente e do futuro de um grupo.

(...) ao constituir um passado comum podemos nos beneficiar do reconhecimento devido ao grupo. O recurso do passado é especialmente útil quando os pertencimentos são reivindicados (...) (TODOROV, 1995, p. 52)

Assim como vem atuando no dia a dia, na relação com suas fontes e entrevistados vitimizados e baseando sua apuração apenas na reprodução de relatos, o jornalista se coloca no papel de vítima e dá testemunho de uma História da sua profissão atravessando uma crise no presente com muitos culpados terceiros: a internet, a crise econômica, o público. Mas falta contestar a própria vitimização e entender como construir hoje novas memórias que fiquem, para o futuro, levando em consideração o passado do grupo. O tempo contém inevitavelmente marcas do passado. Quem pode ser o maior ícone para o jornalista? Sua memória.

Referências

BRÊTAS, Pollyana. **Observador em primeira pessoa: um desafio epistemológico na "tradução da realidade"**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ECO). Rio de Janeiro, 2016.

CANDAU, Joel. **Memoire et identité**. Paris: PUF, 1998.

GERK, Cristine. **Jornalismo e público: reconfigurações no contexto digital. WhatsApp do Extra como ferramenta histórico-tecnológica**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ECO). Rio de Janeiro, 2016.

D'AMARAL, Marcio Tavares. Sobre Tempos e História: O paradoxo pós-moderno. In: SANTORO, Fernando; FOGEL, Gilvan; AMARAL, Gisele; SCHUBACK, Márcia C. (Org.). **Pensamento no Brasil** - Emmanuel Carneiro Leão. 1ed. Rio de Janeiro: Hexis - Fundação Biblioteca Nacional, 2010, v. 1, p. 351-369.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna-RJ, 2000.

JAMESON, Fredric. "Nostalgia for the present". In: **Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism**. Duke University Press, Durham, 1991.

JOUTARD, Philippe. **Histoire et mémoires: conflits et alliance**. Paris: Éditions la Découverte, 2015.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jaques (Orgs.). **A nova história**. Coimbra: Almedina. 1978.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006 [original: 1979]

NAMER, Gerard. **Mémoire et société**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.

OLICK, Jeffrey K. Reflections on the Underdeveloped Relations between Journalism and Memory Studies. In: ZELIZER, Barbie e TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. **Jornalism and Memory**. EUA: Palgrave Macmillan, 2014,p. 17 a 32.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs.) **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula G. "Mídia e lugar da história", in: HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs.). **Mídia, Memória & Celebidades**. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: por uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TODOROV, Tzevtan. **Les abus de la mémoire**. Paris: Arléa, 1995.

VAZ, Paulo; SANTOS, A. & ANDRADE. P. H. **Testemunho e Subjetividade Contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência**. Juiz de Fora: Lumina (online), 2014, v. 8, pp. 1-33.

ZELIZER, Barbie e TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. **Jornalism and Memory**. EUA: Palgrave Macmillan, 2014.